

Paulo Oliveira piano

21 Fev 2023

19:30 Sala 2

Armando José Fernandes (1906-1983)

Sonatina

1. Allegretto grazioso
2. Tempo di Folia
3. Allegro non troppo

Isaac Albéniz (1860-1909)

España, op. 165

1. Preludio
2. Tango
3. Malagueña
4. Serenata
5. Capricho Catalán
6. Zortzico

Pedro Blanco (1883-1919)

Castilla, op. 16

- Nana leonesa

Heures Romantiques, op. 6

- Berceuse

Galantias, op. 10

- Verbena

José Vianna da Motta (1868-1948)

Cenas Portuguesas, op. 9

1. Cantiga d'Amor
2. Chula
3. Valsa Caprichosa

Xavier Montsalvatge (1912-2002)

Sonatine pour Yvette

1. Vivo e espirituoso
2. Moderato molto
3. Allegretto

Armando José Fernandes foi um compositor e pianista português que permaneceu em Lisboa durante grande parte da sua vida, onde cresceu, estudou composição no Conservatório Nacional com Costa Ferreira e, em 1940, integrou o corpo docente da Academia de Amadores de Música. Mais tarde, em 1953, foi nomeado professor de contraponto do Conservatório Nacional. Nesse intervalo, estudou em Paris com figuras ilustres como Nadia Boulanger, Paul Dukas, Jean Roger-Ducasse e Alfred Cortot, ganhando o Prémio Moreira de Sá de Composição em 1944 e, em 1946, o Prémio do Círculo de Cultura Musical. Fernandes tinha um carácter introspectivo que se reflecte em grande parte de sua música. Grande adepto

de pequenas formações de câmara e com uma preferência por formas clássicas, é normalmente descrito como um compositor predominantemente “neoclássico”.

A *Sonatina* (1941) para piano é um exemplo dessa corrente estética, tendo sido composta logo após Fernandes ingressar na Academia. A obra começa com acordes radiantes que são intercalados por uma escrita mais fluida. De efeito impressionista, vai além dos tons pastel de Debussy e Ravel para um terreno mais vívido, ancorado por um ritmo cadenciado e recorrente. O “Tempo di Folia” refere-se a “La Folia”, uma antiga e famosa melodia e sequência de acordes, usada em inúmeras composições desde a Idade Média e especialmente popular durante a era barroca. O final é um *fugato* intrincado e tonalmente ambíguo, com grande charme; ao mesmo tempo pontiagudo e denso, termina de forma suave e subtil.

Ao contrário de Fernandes, o grande compositor espanhol **Isaac Albéniz** não foi admitido no Conservatório de Paris por ser considerado demasiado imaturo. Em 1875 viajou para Cuba e Porto Rico e, em seguida, estudou no Conservatório de Leipzig por dois meses, em 1876. Por fim, baseou os seus estudos no Conservatório de Bruxelas, onde permaneceu até 1879. Depois disso, retorna a Madrid e estabelece-se enquanto pianista, bem como maestro de uma companhia itinerante de Zarzuela (género lírico-dramático espanhol). Grande improvisador, Albéniz era capaz de compor rapidamente e, embora tenha escrito várias obras de larga escala, grande parte da sua produção foi para piano solo. A amplitude do seu público alargou-se através de inúmeras transcrições para guitarra.

España, seis hojas de album op. 165 (1890) resume o estilo de Albéniz, com um evocativo “Prelúdio” que não nos deixa qualquer dúvida relativamente ao cenário espanhol que se apresenta. O “Tango” é mais brilhante do que sombrio, e a “Malagueña” é um orgulhoso exemplo de um estilo tradicional de música flamenca andaluza com origens no fandango de Málaga. A “Serenata” não é uma serenata típica, mas o estilo animado e sedutor certamente conquistaria o seu público-alvo. O “Capricho Catalán” é uma peça fantasiosa (derivada da mesma raiz de ‘caprichoso’ ou ‘capricho’) inspirada na cultura catalã. O animado “Zortzico” é oriundo de um ritmo basco baseado em grupos irregulares de cinco notas.

Pedro Blanco López faz a ligação entre a música de Espanha e Portugal explorada neste recital: nasceu em León, Espanha, e estudou piano em Madrid, mas a sua carreira levou-o ao Porto, onde viveu a partir de 1903. Como escritor, Pedro Blanco produziu artigos em espanhol e português e procurou fomentar o intercâmbio de ideias entre os dois países, promovendo o iberismo cultural contemporâneo. Integrou-se numa comunidade diversificada com base na cidade costeira de Espinho e cedo ganhou reputação enquanto um inspirador professor de piano, tendo mais tarde feito parte do primeiro corpo docente no novo Conservatório de Música



do Porto, onde leccionou desde 1917 até à sua morte prematura em 1919, causada pela gripe espanhola.

Castilla op. 16 é uma obra em quatro andamentos da qual ouvimos o segundo, “Nana leonesa”. Das seis *Heures Romantiques: Impressions Intimes* op. 6, é tocado o quinto andamento, “Berceuse”, uma canção de embalar dedicada ao escultor António Teixeira Lopes. A peça é precedida das palavras “*Aux Enfants endormis* de Teixeira Lopes” (“*Às Crianças Adormecidas* de Teixeira Lopes”), alusivas a uma escultura do artista, cuja fotografia também faz parte da partitura. De *Galanias* op. 10, ouvimos “Verbena” (uma típica festa espanhola ao ar livre), dedicada ao pianista português José Vianna da Motta — um dos últimos discípulos de Franz Liszt.

José Vianna da Motta também estudou com Hans von Bülow, cuja influência transmitiu um grau de seriedade intelectual ao seu exuberante talento. Por sua vez, Vianna da Motta ensinou Sequeira Costa, que foi professor de Paulo Oliveira e de Artur Pizarro. Foi um pianista célebre e viajou pela Europa, acompanhando o virtuoso violinista basco Pablo Sarasate, e Nova Iorque, onde conheceu o também virtuoso pianista Ferruccio Busoni, de quem se tornou grande amigo. Em 1900, os dois pianistas realizaram um concerto de homenagem a Liszt, em Weimar, onde tocaram uma série de obras e transcrições do compositor húngaro, incluindo a sua versão da *Nona Sinfonia* de Beethoven para dois pianos.

Vianna da Motta fez várias viagens a Buenos Aires e outras cidades da América do Sul e, em 1903, apresentou-se no Wigmore Hall (Londres). Aclamado pelo virtuosismo, a sua devoção à música de J. S. Bach e Beethoven não foi menos celebrada; tocou as 32 Sonatas para piano de Beethoven numa série de concertos em Lisboa, em 1927, um acontecimento ímpar na vida musical portuguesa da época. Foi um importante pedagogo, director do Conservatório Nacional (desde 1919) e, como compositor, a sua produção foi vasta; em 1906 registou algumas das suas obras para piano em rolos.

As *3 Cenas Portuguesas* op. 9 começam com a graciosa, um tanto recatada, “Cantiga d’Amor”, embora a modéstia inicial dê mais tarde lugar a algo mais complexo e ardente. “Chula” é uma ritmada dança folclórica portuguesa que remonta pelo menos ao século XVIII e inspira Vianna da Motta nesta peça de grande vitalidade rítmica. O conjunto é rematado pela “Valsa Caprichosa”, que faz jus ao seu nome, com o ímpeto da valsa a ser constantemente quebrado por uma sucessão de subtis mudanças de tempo e humor.

O compositor e crítico catalão **Xavier Montsalvatge** foi um dos mais importantes compositores espanhóis do século XX. Estudou em Barcelona e ganhou todos os prémios oficiais de composição do seu país. Com um temperamento teatral, sentiu-se atraído por géneros como o *ballet* e colaborou com importantes cantores, como Victoria de los Angeles e Montserrat Caballé, tendo igualmente cultivado uma linguagem composicional que abraçou uma pluralidade de formas e estilos. O interesse precoce pelas técnicas dodecafónicas e pela música de Wagner deu lugar à influência de Olivier Messiaen e Georges Auric, com os quais mantinha contacto regular, tendo posteriormente absorvido as técnicas da vanguarda.

Muitas das obras de Montsalvatge foram escritas após a Guerra Civil Espanhola e mostram a influência modernista dos seus primeiros professores, incorporada na sua própria linguagem;

era um grande admirador de Manuel de Falla, mas equilibrava o seu desejo de promover características espanholas distintas na sua música com um intelecto ardente e humanista. Resistiu sempre às representações exageradas da cultura espanhola e outras a ela associadas, explicando que procurava “libertar-me dos sotaques [regionais] e do sabor andaluz, a janela para um estilo pitoresco que me horroriza”.

Montsalvatge era particularmente atraído pela música cubana, que incorporou em várias das suas obras. Os seus caminhos composicionais estenderam-se à etnomusicologia, tendo transcrito e adaptado a música do povo costeiro da Catalunha. Acerca deste meticuloso processo, disse que “... escrever as melodias e as letras do que eu queria seleccionar foi muito difícil para mim e colocou à prova toda a minha experiência. Naquela época não existia o magnetofone (ou ainda não havia chegado até nós) e tivemos de fazer anotações de cada uma das interpretações através de ditados”.

A par do seu colega catalão Federico Mompou, Montsalvatge combinou “ingénuas” melodias infantis com harmonias cromáticas em várias obras. A *Sonatine pour Yvette* (1962), composta para a sua filha, é um belo exemplo dessa abordagem, combinando melodias diatónicas que evocam canções ou jogos infantis com tríades cromáticas que deslizam na mão esquerda acopladas a uma sincopação constante. O resultado é vivo e colorido de uma forma que revela a influência muito particular de Messiaen; o onírico segundo andamento dá lugar a um final diabolicamente rápido que cita alegremente o tema “Ah vous dirai-je, Maman” de Mozart, e esse bom humor caracteriza todo o andamento, que termina com um espirituoso esplendor.

JOANNA WYLD

Premiado em concursos nacionais e internacionais, **Paulo Oliveira** é um dos mais destacados pianistas portugueses da sua geração. Apresentou-se em concerto e gravou para rádios e televisões em vários continentes. Em Portugal, tocou em salas como o CCB, Casa da Música, Gulbenkian, Teatro Rivoli, Teatro São Carlos e Teatro São Luiz. Tocou a solo com a Sinfónica da Universidade do Kansas e com várias orquestras nacionais, e desenvolve uma carreira de música de câmara bastante activa. O interesse pela música portuguesa faz com que tenha um papel relevante na sua divulgação, estreando regularmente obras que lhe foram dedicadas. Mantém também no seu repertório música portuguesa de outros períodos.

É professor na Metropolitana — Academia Nacional Superior de Orquestra e na Academia de Música de Santa Cecília. No país e no estrangeiro, é regularmente convidado a orientar masterclasses e a integrar júris de concursos. Bolseiro da Fundação Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, doutorou-se com distinção na Universidade do Kansas, onde foi aluno de Sequeira Costa. Anteriormente, estudou com Tania Achot na Escola Superior de Música de Lisboa. Outros nomes relevantes ao longo da sua formação foram: Helena Sá e Costa, Luiz de Moura Castro, Andrei Diev, Vladimir Viardo, Vitaly Margulis, Aldo Ciccolini, Paul Badura-Skoda e Dmitri Bashkurov.

O seu disco *Iberian Impressions*, recentemente lançado pela Odradek Records, recebeu um Global Music Award nos EUA, na categoria Classical Piano.